

COMPARE-ME OU DEVORO-TE: TESSITURAS ENTRE MARIA ALTAMIRA E MULHERES DA FLORESTA

Compare me or i will devour you: weaves between Maria Altamira and Mulheres da Floresta

JOSÉ ELIAS PINHEIRO NETO

Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG)
E-mail: jose.pinheiro@ueg.br

VANESSA FLÁVIA DA SILVA

Licenciatura Em Letras Português/Inglês
Pela Universidade Estadual De Goiás (UEG)
E-mail: vfs@aluno.ueg.br

Resumo: Este estudo depreende a intersecção entre romance literário e documentário ao comparar o texto *Maria Altamira* (2020), de Maria José Silveira e o documentário *Mulheres da Floresta* (2022), contextualizados na luta das mulheres indígenas, quilombolas, negras e ribeirinhas da Amazônia contra a devastação ambiental. A pesquisa intenciona compreender como essas narrativas refletem e amplificam as vozes ecofeministas e a resistência feminina. O objetivo é explorar as representações das mulheres e suas relações com o meio ambiente nas duas narrativas. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma análise comparativa dos textos literários e documentais, utilizando conceitos de ecofeminismo (Brandão, 2003), literatura comparada (Carvalhal, 1986) e narrativas indígenas (Dorrico, 2018). Os resultados indicam que ambas as narrativas não apenas denunciam a exploração e a violência, mas também celebram a resistência e a resiliência das mulheres indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Nesse contexto, entende-se que romance e documentário são instrumentos significativos para promover a informação e o debate sobre justiça coletiva e ambiental, destacando a importância da luta ecofeminista na proteção do rio Xingu e da Amazônia.

Palavras-chave: Ecofeminismo; Maria Altamira; Mulheres da Floresta.

Abstract: This study examines the intersection between literary romance and documentary by comparing the text “Maria Altamira” (2020) by Maria José Silveira and the documentary “Mulheres da Floresta” (2022), contextualized in the struggle of indigenous, quilombola, and riverside women of the Amazon against environmental devastation. The research aims to understand how these narratives reflect and amplify ecofeminist issues and female resistance. The objective is to explore the representations of women and their relationships with the environment in both narratives. The research was conducted through a comparative analysis of literary and documentary texts, utilizing concepts of ecofeminism (Brandão, 2003), comparative literature (Carvalhal, 1986), and indigenous narratives (Dorrico, 2020). The results indicate that both narratives not only denounce exploitation and violence but also celebrate the resistance and resilience of indigenous, quilombola, and riverside women. In this context, it is understood that both romance and documentary are significant instruments for promoting information and debate on collective and environmental justice, highlighting the importance of the ecofeminist struggle in protecting the Xingu River and the Amazon.

Abstract: Keywords: Ecofeminism; Maria Altamira; Women of the Forest.

INTRODUÇÃO

Este estudo abarca-se na disciplina de Literatura Comparada, com um enfoque especial no ecofeminismo, discutindo as intersecções entre questões ecológicas e feministas em um romance literário e um documentário. A escolha do tema decorre da valorização de narrativas que denunciam injustiças sociais e ambientais, especialmente aquelas que dão visibilidade às vozes de mulheres e comunidades marginalizadas. Tal perspectiva foi reforçada pelo contato com o romance *Maria Altamira* de Maria José Silveira e o documentário *Mulheres da Floresta*, do canal da TV Cultura, produções que abordam com sensibilidade e densidade as lutas ambientais na Amazônia.

O estudo aborda o tema em um contexto contemporâneo, em que as questões ambientais e de gênero, mostram-se cada vez mais relevantes e entrelaçadas. *Maria Altamira*, publicado em 2020, surge em um período de acirramento dos debates sobre a devastação ambiental e os direitos indígenas no Brasil, enquanto o documentário *Mulheres da Floresta*, produzido em 2022, destaca a resistência das mulheres amazônidas contra ameaças ao seu território e modo de vida. A decisão de fazer um estudo comparado dessas narrativas decorre de seu potencial para desvelar as complexas tessituras entre gênero, meio ambiente e poder, aspectos frequentemente tratados de forma isolada na literatura e no cinema.

O núcleo deste estudo é compreender de que maneira as narrativas de *Maria Altamira* e *Mulheres da Floresta* contribuem para a compreensão do ecofeminismo, e quais são suas implicações na luta por justiça ambiental e de gênero. Buscar uma resposta para essa questão é relevante, pois pode elucidar como a literatura e o cinema podem funcionar como ferramentas de conhecimento e mobilização social, especialmente em tempos de crise ambiental. Portanto, o objetivo deste artigo é abordar comparativamente o romance *Maria Altamira* e o documentário *Mulheres da Floresta* para entender como cada trabalho constrói e representa as relações entre mulheres e natureza, bem como suas implicações ecofeministas.

O DESPERTAR DO CANTO NAS NARRATIVAS DA TERRA: HISTÓRIAS DE MULHERES DA FLORESTA

Maria Altamira, romance de Maria José Silveira, e o documentário *Mulheres da Floresta*, produzido pela TV Cultura em parceria com o Pulitzer Center e o Amazon Rainforest Journalism Fund, emergem como importantes obras para compreender a intersecção entre luta ambiental e questões de gênero no Brasil. O romance, publicado em 2020, situa-se em um contexto histórico que abrange desde os anos 1970 até os dias atuais, retratando a saga de Alelí e sua filha Maria Altamira em meio à construção da Usina de Belo Monte, uma obra controversa e impactante para o meio ambiente e as comunidades locais.

A construção da Usina de Belo Monte, idealizada nos anos 1975 e concluída em 2013, tem sido objeto de inúmeras críticas devido aos seus devastadores impactos ambientais e sociais. Segundo Krenak (2019, p. 32), “há uma história de resistência do povo indígena, que é uma história de luta, mas também há uma história de submissão e de submetimento”. Esse ponto é ratificado por Graúna (2013, p. 15), que afirma que “os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato”. É possível observar uma convergência entre a literatura e a realidade histórica documentada, denotando como a ficção pode espelhar e reforçar questões reais.

O documentário *Mulheres da Floresta*, por sua vez, produzido em 2022, retrata mulheres indígenas, negras, quilombolas, ribeirinhas, entre outras, que lideram a

resistência contra a destruição ambiental. Histórias como a de Txai Suruí, que ganhou destaque internacional ao discursar na COP 26, e Daniela Silva, que luta contra o ecocídio causado pela Usina de Belo Monte, exemplificam a força e a determinação dessas mulheres. Para a escritora Eliane Potiguara (2002) um fator diferencial na luta das mulheres indígenas são as redes de cooperação e associativismo, para que essas mulheres possam encontrar apoio e incentivo para continuarem a perseverar.

Ao comparar as narrativas de Silveira com as vozes documentadas em *Mulheres da Floresta*, percebe-se que ambas as tramas trazem à superfície a intersecção entre gênero e ecologia de maneira contundente e irreversível. Como destaca Loreley Garcia (2000, p.101), “Na cultura e na ética ecofeminista, a interdependência mútua substitui as hierarquias de dominação como o modelo de relacionamento homem/mulher, grupos humanos e com outros seres.

A convergência conceitual entre a ficção de Maria José Silveira e os relatos documentais reforça a importância de uma abordagem ecofeminista para endossar as lutas feministas. O ecofeminismo é uma corrente de pensamento que articula os princípios do feminismo e da ecologia, partindo do entendimento de que a opressão das mulheres e a degradação ambiental têm raízes comuns em estruturas históricas de dominação, como o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo. Françoise d’Eaubonne (1974), argumenta que a exploração das mulheres e da natureza é interconectada e que a emancipação feminina está intrinsecamente ligada à biointeração.

84

A crítica epistemológica ecofeminista, segundo a pesquisadora brasileira Izabel Brandão (2003, p. 408), introduz novas perspectivas na literatura e possibilita a análise das conexões entre literatura e natureza com um olhar crítico que promove a conscientização ecológica para orientar a reflexão feminista sobre questões de raça, classe e gênero. Por meio da lente da crítica ecofeminista, a natureza se torna um terreno de engajamento político, conservação humanitária, espiritual e ambiental.

Enquanto a teórica Vandana Shiva (1991), destaca como a globalização e o desenvolvimento tecnológico têm exacerbado a exploração tanto das mulheres quanto dos recursos naturais. Ela argumenta que a industrialização e a agricultura intensiva são formas de violência contra a natureza e as comunidades locais, especialmente as femininas.

Dessa forma, é possível verificar que as teorias do ecofeminismo não apenas criticam as estruturas de poder que estão postas, mas também propõem alternativas firmadas na biointeração, equidade e respeito mútuo.

A literatura é um campo que oferece uma vasta gama de expressões culturais e sociais. Segundo Regina Dalcastagnè,

[O] significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas, e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (Dalcastagnè, 2012).

Nesse sentido, ao analisar *Maria Altamira e Mulheres da Floresta*, é necessário reconhecer como essas produções rompem com as narrativas tradicionais e coloniais, dando voz às mulheres amazônicas, cujas narrativas têm sido historicamente marginalizadas, e às suas lutas contra a opressão ambiental. A literatura comparada, nesse contexto, torna-se uma ferramenta para abordar essas dinâmicas, permitindo que as narrativas não apenas sejam apreciadas como arte, mas também como discursos de resistência que desafiam e reconfiguram as estruturas de poder existentes.

Para Sandra Nitrini (1997, p. 117) a literatura comparada é uma “disciplina indisciplinada”, destacando a sua natureza flexível e abrangente, que permite a exploração de diversas culturas, contextos históricos e formas de expressão artística. Essa característica de “indisciplinada” valida o estudo comparado da narrativa literária *Maria Altamira* e do documentário *Mulheres da Floresta*, que são histórias marginalizadas que não fazem parte do cânone estabelecido de “obras de grande visibilidade”, corroborando a fala de Dalcastagnè (2012, p. 11), “São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão”. Vozes essas que devem ultrapassar as fronteiras impostas e modificar a história com suas denúncias (não) ouvidas.

Enquanto isso, Tania Carvalhal (1986, p. 23) acrescenta que literatura comparada é “uma disciplina que explora as relações entre diferentes obras literárias, culturas e contextos históricos, ampliando a compreensão das obras analisadas ao colocá-las em diálogo umas com as outras”. Essa abordagem nos propõe pensar sobre a importância desses discursos literários.

Os documentários, por sua vez, são uma forma de mídia que busca retratar a realidade de maneira objetiva e impactante. De acordo com teorias de Bill Nicholls (2007, p. 129) “[...] o documentário procura transmitir aos espectadores a sensação de

envolvimento emocional ou comprometimento com as pessoas e questões retratadas [...] essa forma de estilo narrativo criou um fio comum entre ficção e não – ficção, que permanece até hoje [...]. Portanto, essa forma de narrativa visual fomenta a sensibilização e o engajamento social.

Assim, a relação entre literatura, documentário e ecofeminismo estabelece-se em um emaranhado. O ecofeminismo, como movimento que une questões ecológicas e feministas, realiza, por meio da narrativa literária e das falas e imagens documentais, meios de dar vida às denúncias de opressão da natureza e de gênero.

Maria Altamira, romance de Maria José Silveira, narra a saga de Alelí, uma mulher peruana de ascendência indígena que perde a sua família em um desastre natural e, acreditando carregar uma maldição, vaga pela América Latina até chegar ao Brasil. A história se passa desde os anos 1970 até os dias atuais, retratando a luta dos povos indígenas contra a construção da Usina de Belo Monte. Alelí encontra consolo na Volta Grande do Xingu junto aos Yudjá, mas uma nova tragédia a leva a abandonar sua filha recém-nascida, Maria Altamira, com a mãe Chica em Altamira, no Pará.

Dentro disso, Maria Altamira cresce em meio às pressões políticas e sociais para a construção da Usina de Belo Monte, testemunhando a resistência indígena e se envolvendo profundamente na causa. Sem saber muito sobre suas origens, ela busca conhecer a história de seu pai e sua comunidade, encontrando força e propósito na luta pela preservação de seu território e cultura.

No romance *Maria Altamira*, as personagens femininas são construídas em diálogo com o meio ambiente, indicando relações que podem ser interpretadas à luz dos princípios do ecofeminismo. Alelí, a protagonista, é uma mulher marcada por tragédias pessoais e naturais, cujo percurso de vida está intimamente ligado à natureza. Após sobreviver ao desastre natural em Yungay, no Peru, ela encontra um refúgio temporário na aldeia do Paquiçamba, na Volta Grande do Xingu, lugar em que aprende a valorizar e preservar o meio ambiente junto às mulheres indígenas,

86

Alelí talvez tenha encontrado um pouco de paz na aldeia do Paquiçamba, na Volta Grande do Xingu, à margem esquerda do poderoso rio que nasce no Mato Grosso, corre para o Pará e desemboca no Amazonas [...] Alelí aprendeu a trabalhar com as mulheres. Limpava os peixes e lavava as panelas, sentada na água rasa da beira do rio, acompanhava as gaivotas (Silveira, 2020, p. 55).

A relação de Alelí com o meio ambiente é reforçada pela sabedoria de Manuel Juruna, que lhe ensina sobre a interdependência entre todos os seres vivos na floresta. Manuel explica a importância de respeitar a natureza, destacando como a derrubada de uma árvore impacta todo o ecossistema,

Nunca estamos sozinho dentro da mata, Magrela. Bicho e árvore o tempo todo tão observando a gente [...] Quando um madeireiro derruba uma árvore grande, uma castanheira, por dizer assim, ela tem raízes entranhada terra abaixo, não morre sozinha. Leva junto as árvores do entorno, sua queda puxa as outras. A terra treme e ruge, e a árvore maior cai esperneando com as menores. A natureza solta um berro. É um alerta, um aviso: cê levaram essa, mas cuidado se quiserem levar mais. Posso tardar em vingar a morte dos meus, mas um dia vingo (Silveira, p. 56-57).

Em face disso, Maria Altamira, filha de Alelí e Manuel, herda essa conexão com a natureza. Criada por Mãe Chica, Maria cresce às margens do rio Xingu, sentindo-se como uma componente do ambiente que a cerca. Sua luta pela preservação da floresta e dos direitos dos povos indígenas reflete a união entre identidade e território.

87

De tardezinha, Maria puxava Mãe Chica para perto do rio. Dizia: ‘Meu sangue Yudjá deve ser forte mesmo. Não saberia viver sem esse rio de pedras, essa água morna e essas prainhas! Ele não é mesmo nossa maravilha, mãe?’ Chica concordava. Já se esquecera do antigo medo de perder a filha para os Juruna. Pelo contrário. Sabia que a metade Yudjá de Maria o que lhe dera foi uma grande família. Sua filha jamais estaria só (Silveira, 2020, p. 108).

A narrativa destaca a força das mulheres indígenas na defesa de suas terras e na resistência contra a construção da Usina de Belo Monte. Maria José Silveira, bebe na fonte de fatos históricos para compor a ficção que ecoa a força dessas mulheres na narração do gesto de Tuíra Kayapó, que marcou a história de lutas dos povos originários ao confrontar um representante do governo com a lâmina de seu facão: “Mais tarde quando houve o encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em que as mulheres Kayapó, guerreiras como são, indignadas com os discursos vazios, se erguem, e Tuíra encostou a lâmina do seu facão no rosto do homem do governo, num gesto de advertência” (Silveira, 2020, p. 86). Este gesto endossa a resistência e a determinação das mulheres indígenas em resguardar o meio ambiente e suas comunidades.

Nesse contexto, um dos temas proeminentes do ecofeminismo presente no romance é a ideia de que a destruição ambiental e a opressão das mulheres estão en-

trecruzadas. Alelí, a protagonista, após sobreviver a um desastre natural, encontra-se novamente em um ambiente de exploração e violência ao longo de sua jornada. Sua experiência pessoal espelha a devastação sofrida pela natureza, especialmente quando a construção de Belo Monte é apresentada como uma “declaração de guerra” contra os povos indígenas (Silveira, p. 86). Esta relação simbiótica entre mulher e natureza é reforçada pela conexão de Alelí e Maria Altamira com o rio Xingu e a floresta, onde encontram sustento e resistência.

No romance, a resistência das comunidades indígenas pode ser interpretada como um ato alinhado a perspectivas ecofeministas. Maria Altamira, herdeira de uma rica tradição indígena, envolve-se irremediavelmente na luta contra Belo Monte, demonstrando a força e a determinação das mulheres em proteger suas terras e culturas. “Estamos cansados de ouvir e não ser ouvidos. Não estamos defendendo só o Xingu. A luta dos povos indígenas é muito mais ampla do que aqui, agora, porque todos precisam da Amazônia e quem preserva a floresta somos nós” (Silveira, 2020, p. 114). Esta citação encapsula a visão ecofeminista de que a luta pela justiça ambiental é inseparável da luta pelos direitos humanos e culturais.

O filme *Mulheres da Floresta* (2022) registra, em imagens e palavras, a luta de mulheres de territórios amazônicos. As narrativas de Txai Suruí, Daniela Silva e Mayalu Txucarramãe compõem um entrelaçamento de coragem e resistência, no qual a defesa da floresta é inseparável da defesa da própria vida. Ao afirmar “A Amazônia é violentada porque ela é mulher” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 0 min 56 s), Daniela Silva recorre a um processo de antropomorfização, atribuindo à floresta um corpo e uma identidade femininos. Esse recurso linguístico, comum tanto a saberes tradicionais quanto ao pensamento ecofeminista, estabelece uma relação direta entre a violência exercida contra a natureza e aquela perpetrada contra as mulheres.

Além disso, o documentário também inclui falas impactantes de lideranças como Natalha Teófilo e Sônia Guajajara, que enfatizam a criminalização e a marginalização dos povos da Amazônia. Natalha afirma: “Os povos da Amazônia paraense nunca foram tão criminalizados e minimizados pelo Poder Público” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 33 min 05 s). Sônia Guajajara reforça: “Se o Brasil é um país muito patriarcal, nos territórios indígenas não é diferente e reforçado pelo elemento cultural” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 35 min 24 s).

Entre muitas histórias de enfrentamento, *Mulheres da Floresta* assegura as vozes historicamente silenciadas, que lideram a resistência contra a devastação ambiental.

Txai Suruí, por exemplo, ganhou destaque internacional ao discursar na COP 26, trazendo à luz as dificuldades e a luta dos povos indígenas da Amazônia. Sua história é um testemunho incontestável da determinação e coragem das mulheres indígenas na defesa de suas terras e culturas.

Daniela Silva, uma das vozes mais contundentes do documentário, combate o ecocídio promovido pela Usina de Belo Monte. Ela enfatiza a responsabilidade das pessoas de outras regiões em proteger a Amazônia, ressaltando a importância de verificar a procedência dos produtos que consomem. “As pessoas que moram em outra região podem proteger a Amazônia ao comprar produtos da Amazônia, buscando saber qual a procedência desse produto, se não está ligado a garimpo ilegal, se não está ligado a produto que viola os direitos dos povos da Amazônia, com a derrubada de madeira em terras indígenas e reservas extrativistas” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 17 min 29 s).

Outra figura central no documentário é, Natalha Teófilo, que denuncia a violência sistemática contra os povos da Amazônia paraense e afirma que, “pior que o pistoleiro, o sistema está organizado para matá-los” (*Mulheres da floresta*, 2022, 33 min 05 s). Ela ainda acrescenta que a violência contra as mulheres no campo está fortemente vinculada à violência contra a floresta: “Colocam as mulheres em posições de frágeis e é nesse mesmo papel que colocam a floresta e que qualquer um com força pode chegar, derrubar e violar” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 38 min 40 s).

89

Dentro disso, Sônia Guajajara é uma representante fundamental na narrativa, argumentando que o patriarcado nos territórios indígenas impede as mulheres de assumirem papéis de liderança. “Se o Brasil é um país muito patriarcal, nos territórios indígenas não é diferente e reforçado pelo elemento cultural” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 35 min 24 s). Ela reforça a importância da participação política das mulheres indígenas, como exemplificado pela deputada Joênia e Shirley Pankará. Agora, a própria Sônia Guajajara, ministra de Estado dos Povos Indígenas, desde o ano de 2023, lidera uma posição política de grande relevância para a representação do seu povo.

Dessa forma, o documentário *Mulheres da Floresta* fomenta temáticas ecofeministas ao destacar a resistência de comunidades contra projetos que ameaçam seus territórios e modos de vida, apontando que a opressão e destruição ambiental são faces da mesma moeda. A luta contra a Usina de Belo Monte exemplifica essa resistência, na qual as mulheres não apenas defendem suas terras e seus corpos, mas também reivindicam seus direitos como guardiãs da floresta.

Ao colocar em diálogo o romance *Maria Altamira* e o documentário *Mulheres da Floresta*, é possível recorrer aos estudos de Carvalhal (1986, p. 10) que usa o seguinte texto para explicar pontos convergentes sobre trabalhos que buscam os fundamentos da literatura comparada: “Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim.”. Desse modo, ainda que a comparação entre o romance e o documentário ofereça contribuições significativas para o estudo, faz-se necessário ultrapassar as fronteiras do texto literário e do exercício comparativo, a fim de explorar as implicações sociopolíticas que permeiam essas narrativas.

No romance *Maria Altamira*, Maria José Silveira utiliza a narrativa literária para investigar as vidas de Alelí e Maria Altamira, cujas existências estão ligadas ao Rio Xingu e à floresta circundante. Alelí, após sobreviver a um desastre natural, encontra refúgio e um senso de pertencimento na Volta Grande do Xingu, onde se envolve com a comunidade indígena dos Yudjá. Maria Altamira, por sua vez, cresce imersa na luta contra a construção da Usina de Belo Monte, representando a resistência e a forte ligação com a natureza. Assim, o texto de Maria José Silveira traz a ligação com a luta em uma das passagens da narrativa em que Maria visita a aldeia de seu pai:

90

Piadistas e alegres como eram os Yudjá, as conversas iam longe. Mas às vezes traziam coisas ruins. Preocupações. Presságios. Os mais velhos falavam o que aconteceria se o governo dos brancos colocasse em prática aquele projeto de barrar o Xingu. – Não vai ter água suficiente pra ter peixe. Sem peixe nem água, vamos ter praga de carapanã nas águas empoeçada. Vamos ter doença. Vamos Morrer (Silveira, 2020, p. 102).

A fala dos anciões Yudjá, marcada pela oralidade e pelo saber ancestral, antecipa as consequências devastadoras da intervenção colonial sobre o rio Xingu. A previsão de escassez de peixes, proliferação de doenças e morte manifesta um conhecimento ancestral sobre os ciclos naturais e a íntima relação entre os povos tradicionais e o território.

Por outro lado, *Mulheres da Floresta* estende esse diálogo ao reconhecer “o lugar de fala” (Dalcastagnè, 2012) das mulheres indígenas, negras, quilombolas e ribeirinhas que lideram a resistência ambiental. Histórias como a de Daniela Silva, que luta contra os impactos da Usina de Belo Monte, enfatizam a importância do ativismo feminino na preservação da Amazônia. Daniela descreve a importância da ação cunitária e da resistência coletiva: “Quando construíram a usina de Belo Monte, os políticos disseram que iriam tirar os ribeirinhos da pobreza, mas o que é pobreza?

Meu pai, que era oleiro, conseguia sustentar nossa família com dignidade” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 23 min 55 s).

A voz de Maria Francineide, pescadora do Rio Xingu e expulsa de sua casa pela construção da Usina de Belo Monte, ecoa pelo mundo com sua denúncia emocionada, “quando tiraram os moradores e rio para construir a Usina foi como assassinar todos os pescadores” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 22 min 49 s). Assim, entende-se que a representação dessas narrativas no documentário traz representatividade às mulheres que estão à frente de movimentos que lutam por interesses ambientais e contra a opressão do patriarcado.

Bill Nichols (1991, p. 30) argumenta que “os documentários mostram aspectos ou representações auditivas de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vistas de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões”. Isso é assistido em *Mulheres da Floresta*, em que as histórias e vozes das mulheres da região amazônica são apresentadas de maneira a persuadir e sensibilizar o público sobre a importância de suas lutas.

Além disso, Nichols (1991, p. 100) aponta que “os documentários abordam conceitos e questões sobre os quais exista considerável interesse social ou debate”. Nota-se que a fala do teórico está viva no documentário *Mulheres da Floresta* que aborda a devastação ambiental na Amazônia e as consequências para as comunidades tradicionais, temas de gritante importância social e ecológica.

Para Julie Dorrico (2018), as narrativas produzidas por mulheres indígenas desempenham papel essencial para a compreensão das conexões entre identidade, território e resistência. Isso é exemplificado no documentário pelas falas de Sônia Guajajara e Natalha Teófilo, que destacam a importância da liderança feminina na luta contra a devastação ambiental e a violência sistêmica. Sônia Guajajara argumenta que “as mulheres indígenas têm ocupado as coordenações das organizações indígenas, participação no controle social junto a outros coletivos” (*Mulheres da Floresta*, 2022, 35 min 24 s), reforçando a visão de que a luta pela justiça ambiental é inseparável da luta pelos direitos das mulheres.

Ao comparar as narrativas de Maria José Silveira com as vozes documentadas em *Mulheres da Floresta*, percebe-se que ambas as publicações trazem à superfície a intersecção entre gênero e ecologia de maneira premente e significativa em que as falas das personagens confluem para a defesa da Amazônia e do rio Xingu.

Importa destacar que, para Nitrini (1997, p. 119), a literatura comparada “continuava e continua a ser definida por muitos como uma espécie mutante, na medida em que seu objeto vem variando de acordo com a nova ordem de relações internacionais e de relações entre comunidades internas de uma mesma nação”. Esse caráter mutante da literatura comparada justifica a necessidade de expandir os limites das narrativas de *Maria Altamira* e *Mulheres da Floresta*. É fundamental considerar como esses trabalhos dialogam com outras produções literárias e audiovisuais sobre justiça ambiental e de gênero. Isso enriquece a compreensão das lutas ecofeministas, contextualizando-as em um cenário mais amplo de resistência global. Permite visualizar as interconexões e influências mútuas entre diferentes culturas e períodos históricos, proporcionando uma visão mais completa e inclusiva das formas de resistência e resiliência das mulheres na defesa de seus territórios e culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas presentes em *Maria Altamira* e *Mulheres da Floresta* destacam-se como formas de resistência e (re)existência contra os regimes de poder que historicamente oprimem as mulheres e a natureza. Ambas as obras desconstroem pressupostos tradicionais, trazendo à tona vozes silenciadas e histórias de luta que são cruciais para a compreensão das intersecções entre gênero e ecologia.

A produção literária de Maria José Silveira em *Maria Altamira* e as histórias documentadas em *Mulheres da Floresta* são marcadas por aspectos que atestam a resiliência e a força das mulheres indígenas na defesa de seus territórios e culturas. Essas mulheres, atravessadas por múltiplas formas de opressão, emergem como figuras de resistência que denunciam as injustiças ambientais e sociais, reafirmando suas identidades e suas conexões profundas com a terra.

Conforme o pensamento de Ailton Krenak (2019), “adiar o fim do mundo” implica que a humanidade transforme radicalmente seus modos de existência, restabelecendo os laços de reciprocidade com a natureza. Nesse sentido, tanto o romance quanto o documentário oferecem uma visão potente e indispensável para ampliar a percepção e promover a sensibilização social em favor da equidade ecológica e de gênero.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Izabel (2003). Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: MUZART, Zahidé. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

D'EAUBONNE, Françoise. *Le Féminisme ou la Mort*. Paris: Pierre Horay, 1974.

DORRICO, Julie [et. al.] (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Ed. Fi, 2018.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

93

GARCIA, Loreley. Ecofeminismo: Múltiplas Versões. *Revista Ártemis*, [S. l.], n. 10, P.96-118, DEZEMBRO, 2009.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2007. 2ª edição.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1997.

POTIGUARA, Eliane. Participação dos povos indígenas na Conferência em Durban. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 219-228, 2002.

KRENAK, Ailton. Ailton Krenak: *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHIVA, Vandana. *Sobreviver ao Desenvolvimento: a mulher, a ecologia e o desenvolvimento*. Tradução de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Editora Nobel, 1991.

SILVEIRA, Maria José. *Maria AltaWmira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

José Elias Pinheiro Neto
Vanessa Flávia da Silva

MULHERES DA FLORESTA. Direção: Laís Duarte. Produção: Ricardo Ferreira. São Paulo: TV Cultura, em parceria com Pulitzer Center e Amazon Rainforest Journalism Fund, 2022. Documentário (on-line). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1VF1qglffA>. Acesso em: 17 fev. 2024.